

Projeto

História Global da Literatura Portuguesa

ANNABELA RITA

CLEPUL, FACULDADE DE LETRAS, UNIVERSIDADE DE LISBOA

ISABEL PONCE DE LEÃO

CLEPUL, FACULDADE DE LETRAS, UNIVERSIDADE DE LISBOA;
UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

JOSÉ EDUARDO FRANCO

CLEPUL, FACULDADE DE LETRAS, UNIVERSIDADE DE LISBOA;
CÁTEDRA CIPSH DE ESTUDOS GLOBAIS, UNIVERSIDADE ABERTA

MIGUEL REAL

CLEPUL, FACULDADE DE LETRAS, UNIVERSIDADE DE LISBOA

(DIREÇÃO DE)

História Global da Literatura Portuguesa

Os territórios da literatura configuram-se como espaços abertos, por excelência, de interconexões, de interinfluências, de intersecções, de cruzamentos, de interfecundações, quer de modelos, de géneros, de correntes e de disciplinas de saber, quer ainda de mundividências.

Se a literatura é a «antropologia das antropologias», em que o ser humano se retrata na diversidade, complexidade e profundidade das suas aspirações e manifestações, o domínio da criação literária é o campo poroso pelo qual o mundo todo tem muitas vezes passado ou pelo qual pode vir a passar.

Por estas razões, a literatura é um território global e/ou suscetível de ser compreendido como fenómeno global. Neste sentido, é também objeto privilegiado de história global. No quadro da emergência de uma nova historiografia que assume o «global» como chave hermenêutica para visitar e repensar a história dos vários campos da produção humana, a história da literatura beneficia com este ampliar de perspetivas, que implica superar um

método de conhecimento «nacionalista» e fechado através de um outro que tenha por foco o global, ou seja, o desiderato de situar, em termos de compreensão do fenómeno literário produzido no chamado âmbito do território geográfico e cultural português, numa plataforma de intercessão, de cruzamentos de movimentos que têm modelado a forma de fazer literatura em língua portuguesa. Como considera Chloé Maurel, «a história global implica a ideia de que as trocas, as influências entre sociedades e culturas não se fazem somente em sentido único, mas muitas vezes em duplo sentido e que há circulações culturais, circulações de saberes que se estabelecem entre espaços dominados e espaços dominantes»¹.

No nosso caso, o espaço geográfico e cultural onde se elaborou secularmente a chamada literatura portuguesa deixa, no prisma da história global, de ser estudado em circuito fechado ou mesmo comparado para passar a

==

¹ Maurel, C. (2014). *Manuel d'Histoire Globale*. Armand Colin. Paris: p. 111.

ser tomado como espaço de circulação global, de chegadas e partidas, por onde o mundo passou e do qual se partiu para o mundo.

A observação analítica deste grande ângulo tendo como ponto de observação crítica o longo movimento de idas e vindas de que a literatura se torna território de expressão permitir-nos-á perceber a composição de literaturas nos seus vários géneros com originalidades híbridas e compósitas, em que o local recebe do global e o global também se enriquece com o local. De algum modo, abriremos caminhos para a compreensão da literatura portuguesa como uma identidade «glocal», ligada à «máquina» circulante do mundo. Mesmo em tempos de maior isolamento, houve fronteiras porosas que garantiram alguma circulação e um certo arejamento, mesmo que o resultado tivesse sido o exercício de negação do global para enfatizar defensivamente a perspetiva umbilical autor-referenciada da elaboração literária.

Uma história global da literatura de um dado país deve ser intrinsecamente interdisciplinar, intepocal e interespaial. A arrumação por épocas, correntes e géneros é apenas instrumental para efeitos de facilitação do trabalho, mas essas fronteiras devem depois ser quebradas pela transversalidade das análises que podem tornar-se, se os dados empíricos o permitirem, transepocais e transtemáticas. Segundo o *Manuel d’Histoire Globale*, referido atrás, «é errado, todavia, limitar a história global a uma história “totalizante”. Pelo con-

trário, a sua riqueza e a sua especificidade reside principalmente na vontade de promover análises em diversos níveis, de mudar de perspetivas, de combinar diferentes escalas, desde as grandes às mais pequenas»².

A história global da literatura portuguesa não tem, pois, um escopo totalizante, mas possibilitante. Tem como fito primordial abrir caminhos novos para explorar uma imensidade de análises que permitirão complexificar o conhecimento e apreender criticamente, de forma mais profunda, a riqueza do campo literário como área por excelência da criação humana e a mais relevadora das múltiplas dimensões da sua condição.

Direção

Annabela Rita

Isabel Ponce de Leão

José Eduardo Franco

Miguel Real

Coordenação

Carlos Carreto

Isabel Morujão

Micaela Ramon

Luísa Malato

Luísa Paolinelli

Dionísio Vila Maior

Maria do Carmo Mendes

Secretariado Executivo

Cristiana Lucas Silva (coord.)

Milene Alves

==

² *Ibidem*: p. 61. Cf. Inglebert, H. (2018). *Histoire Universelle ou Histoire Globale?*. PUF. Paris.